



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.2522>

## OS LIMITES A UMA MULHER DE RESPEITO: PRECEDENTES FEMINISTAS EM KATE CHOPIN

Helen Castelo BRANCO (UFPB)<sup>1</sup>  
Jeová MENDONÇA (UFPB)<sup>2</sup>

**Resumo:** Orientados pela evolução do pensamento feminista e algumas vertentes envolvendo a mulher e o seu papel na sociedade (conjunturas social, cultural e econômico), surge um dos objetivos centrais deste artigo, que é a compreensão da representação do feminino na literatura. Neste contexto, encontramos a autora Kate Chopin e seu conto *Uma Mulher Respeitável* (1894) que evidencia fortes ideais feministas da autora em relação à liberdade das mulheres já no século XIX. É possível notar como sua narrativa dá notoriedade à figura feminina, caracterizando-a em seus desejos pessoais e sociais, porém como vítima das restrições de um mundo patriarcal. Para a leitura crítica desse conto, tomamos como referência autores como Mary Wollstonecraft (1792), Lorraine Code (2002), Ellen Rooney (2006) e Tim Gillespie (2010). Ao analisar este conto, é possível entender a correlação da figura feminina de outrora aos tempos presentes no que diz respeito à luta pela igualdade de direitos, através da representação do que supostamente se configura como uma mulher de respeito.

**Palavras-chave:** Kate Chopin. Feminismo. Caracterização feminina.

**Abstract:** Guided by the evolution of feminist thinking and some aspects concerned with women and their role in society (social, cultural and economic conjunctions), there emerges the goal of this paper, which is the comprehension of the representation of the feminine in literature. Therefore, in this context, we found out the author Kate Chopin and her short story *A Respectable Woman* (1894) that shows her striking ideals in relation to women's freedom in the XIX century. It is possible to notice how her narrative gives notoriety to women, emphasizing their social and personal wishes, in spite of being victims of restrictions in a patriarchal world. For critical reading, we reference authors such as Mary Wollstonecraft (1792), Lorraine Code (2002), Ellen Rooney (2006) and Tim Gillespie (2010). Through analyzing this short story, it is possible to understand the correlation between the female figure from the past to the contemporary woman, and their struggle in order to achieve equal rights, through the representation of what is, supposedly, a respectable woman.

**Keywords:** Kate Chopin. Feminism. Feminine characterization.

### 1. Introdução

Catherine O'Flaherty (conhecida como Kate Chopin), nasceu em Saint Louis, Missouri, EUA, em 08 de fevereiro de 1850. Filha de Thomas O'Flaherty e Eliza Faris, era,

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Língua Inglesa (UFPB) e pesquisadora no Projeto PROLICEN. João Pessoa, Paraíba, Brasil. [hely.pb@gmail.com](mailto:hely.pb@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professor do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa (UFPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil. [jeovamendonca@live.com](mailto:jeovamendonca@live.com)

inegavelmente, uma mulher à frente de seu tempo. Com escrita bastante elaborada e ousada que se manifestou através da sua narrativa ficcional, descreveu os moldes que cercavam a sociedade do século XIX.

Vale a pena ressaltar que a sua família por parte de mãe era de descendência francesa, de modo que ela cresceu sob influência sociocultural tanto do inglês como do francês, tornando-se bilíngue e bicultural. Essa influência da vivência cultural e literatura francesa é claramente ilustrada em suas obras. No ano de 1855, quando o seu pai morreu em um acidente ferroviário, se viu cercada por mulheres destemidas como a sua avó, a qual em pleno contexto de restrições matrimoniais do século XIX, foi a primeira mulher a se separar legalmente em Saint Louis, Missouri, e, mesmo em idade avançada, tornou-se uma mulher de negócios. Além disso, Kate Chopin formou grandes laços com a sua mãe e bisavó, recebendo educação dessas mulheres ao longo da sua vida, o que provavelmente resultou nas suas inspirações enquanto escritora.

Considerando que ela viveu no contexto marcado pela Guerra Civil, Chopin, nesse ínterim, esteve em Saint Louis, uma cidade que apoiou tanto a União como os Estados Confederados da América. Assim, a sua produção intelectual é marcada também por traços dessa convivência com escravos por meio de temas tabus como questões raciais e preconceitos morais, éticos e religiosos, que eram considerados uma afronta aos preceitos da época. No ano de 1870, casou-se com Oscar Chopin e rapidamente se mudaram para New Orleans, onde o seu marido constituiu um negócio em uma fábrica de algodão.

Aos 32 anos, Kate Chopin ficou viúva, com a responsabilidade total sobre seis filhos. Seguindo as recomendações do seu terapeuta, ela se (re)conhece como escritora e começa uma jornada para alcançar a sua independência, desenvolvendo grandes habilidades narrativas. Kate Chopin escreveu e publicou os romances *At Fault* (1890) e *The Awakening* (1899), e os seus contos apareceram em duas coleções, *Bayou Folk* (1894) e *A Night in Acadie* (1897). É possível considerá-la uma escritora realista, tendo em vista que o seu discurso narrativo descreve minuciosamente o psicológico das mulheres, tanto sob os efeitos da Guerra Civil, como vítimas das normas sociais impostas a elas. Chopin também pode ser considerada regionalista, por descrever costumes, cenários, e utilizar os dialetos regionais como o francês, nas suas obras ficcionais. Além de estar preocupada com a construção psicológica de suas personagens, ela revela personagens femininas centrais, caracterizadas por identidades fortes e intensas que confrontavam a hipócrita moralidade imposta em sua época.

Desse modo, Kate Chopin, comumente utilizou a ironia como estratégia para criticar os valores que limitavam as mulheres, a fim de colocá-las numa posição mais elevada, e

valorizá-las por meio do autodescobrimento identitário como mulheres. É, nesse sentido, que o presente artigo propõe analisar a representação feminina da protagonista no conto *Uma Mulher Respeitável* (1894), Sr<sup>a</sup>. Baroda, sob à luz das teorias feministas e da crítica literária feminista, as quais intentam transpassar as barreiras e estigmas impostos às mulheres.

## 2. O movimento de emancipação da mulher em três fases

O texto *Teorias feministas: um esboço histórico*<sup>3</sup> sintetiza o processo de luta das mulheres em busca de justiça e de cidadania numa esfera histórica. O feminismo é um movimento sólido, que se difundiu gradativamente, produzindo efeitos e discussões em momentos singulares da história.

As teóricas feministas preocupam-se com a situação da mulher sob várias perspectivas, e abrangem assuntos individuais e coletivos. Juliet Mitchell, por exemplo, caracteriza o feminismo como “[...] uma descendência ideológica de determinadas condições econômicas e sociais” (*apud* CODE, 2002, tradução nossa); logo, a prática feminista trabalha em favor das alterações das circunstâncias materiais e sociais relativas à mulher. Sabe-se que através dos movimentos feministas as mulheres conquistaram o seu espaço, e, conseqüentemente, desconstruir questões que insinuam que elas são inferiores ou que as marginalizem é pertinente quanto aos processos estruturantes de uma nova realidade social.

Em uma perspectiva histórica, o feminismo pode ser abordado em três diferentes momentos: a *Primeira*, a *Segunda* e *Terceira Ondas*. Segundo Gasparetto Junior<sup>4</sup>, através da *Primeira Onda*, que ocorreu no século XIX e prosseguiu no início do século XX, no Reino Unido e nos Estados Unidos, as mulheres reivindicaram os seus direitos mais imediatos. Nesta fase, houve lutas contra as divergências contratuais, principalmente aqueles referentes à desigualdade de direitos às propriedades e ao direito de escolha do parceiro matrimonial. Nesta época, as mulheres eram impedidas de votar e interferir no âmbito político, embora claramente possuíssem o interesse em eleger seus representantes; o que motivou diversas campanhas em prol dos direitos sexuais, políticos, econômicos e reprodutivos. Esta foi a fase mais intensa,

---

<sup>3</sup> Disponível na *Enciclopédia das Teorias Feministas*, de Lorraine Code (vide referências bibliográficas).

<sup>4</sup> GASPARETTO JUNIOR, Antonio. *A primeira onda feminista*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/primeira-onda-feminista/>>. Acesso em: 03 de junho de 2016.

marcada por grandes conquistas, já que a partir de 1918 no Reino Unido, e em 1919 nos Estados Unidos, o voto foi finalmente facultado a elas.

Noutro momento singular, temos a *Segunda Onda*, que se estende da década de 1960 até a década de 1980. Nesse período, as mulheres exigiram leis em função da garantia em vários direitos específicos, muitos deles ainda não concretizados até hoje (cf. CODE, 2002). Gradativamente, uma nova perspectiva se propõe com relação ao papel das mulheres, em vista das críticas concernentes à ideia de que elas teriam obrigação apenas em cuidar dos filhos e do lar. Assim, cada vez mais, elas almejavam conquistar o próprio trabalho, possuir igualdade de salários; enfim, em serem reconhecidas como capazes de atuar profissionalmente *outdoors*, o que nestas décadas ainda se via um tanto inviável, dada uma tradicional estrutura social fortemente preconceituosa.

Vale ressaltar que grande parte dos movimentos feministas até então teve como líderes mulheres brancas da classe média, que, nos primeiros anos da *Segunda Onda*, procuraram analisar as características do patriarcalismo, evidentemente predominante na sociedade ocidental a partir deste perfil. A ideia, perceptível na época, era uma realidade em que homens estavam numa posição social e econômica superior, enquanto as mulheres eram totalmente inferiorizadas; logo, a diferença no padrão de vida entre estes dois grupos era muito aparente (CODE, 2002, p. 19). Havia desigualdades (e preconceitos) quanto à etnia, classe, religião, idade, e, até mesmo, com relação às experiências, pois, se a figura feminina estava limitada a uma posição na escala social e econômica, essa condição não permitia a mulher sair do seu “próprio” espaço e adquirir experiências novas e mais promissoras fora do círculo doméstico.

Para ilustrar um pouco mais a luta das mulheres por reconhecimento de seus direitos durante o período da *Segunda Onda*, vamos explorar um pouco mais o assunto com o apoio de Tim Gillespie. Através do texto, *Feminist Criticism for Students: Interrogating Gender Issues* (2010), ele discorre sobre o crescimento e a consolidação do feminismo no contexto contemporâneo. Um dos indispensáveis intuitos do feminismo, conforme diz Gillespie, é analisar como os textos literários apresentam a figura feminina na conjuntura sociocultural. Sob essa perspectiva, a crítica feminista ultrapassa o exame teórico e torna-se uma revolução universal, solicitando transformações e práticas político-sociais em razão das barreiras que oprimem os interesses da mulher, colocando-as em plano rebaixado.

Por meio de uma abordagem histórica, é possível observar o autoritarismo e a opressão masculina na sociedade, as quais eram refletidas em vertentes como a literatura. De certo, esses controles políticos, econômicos, sociais e canônicos, impediam o reconhecimento e a atuação

das mulheres no campo, por exemplo, da literatura e da educação. Assim, as figuras representativas femininas estavam ligadas aos estereótipos criados pelo ponto de vista masculino. Entretanto, os séculos dezoito e dezenove foram marcados pela forte presença e exercício feminino na área da literatura, em vista à expansão do grau de instrução das mulheres de classe média.

Gillespie (2010, p. 111) acrescenta ainda que, mediante à *Segunda Onda Feminista*, a partir do ano de 1960, os estudos feministas apresentaram os “frutos” dos seus esforços e passaram a reexaminar o ensino da literatura na escola básica e nas universidades. Estas verificações possuíam duas vertentes as quais buscaram investigar as mulheres como escritoras e como “sujeitos” da obra literária. As autoras, anteriormente esquecidas, foram resgatadas e elementos pertinentes como currículos escolares, livros, textos e estudos acadêmicos foram reconsiderados nesta instância. É neste contexto que surge e se passa à *Terceira Onda Feminista*, reconhecida como tal a partir da década de 1990, e tendo como objetivo principal a correção das falhas e lacunas na abordagem dos postulados da *Primeira* e *Segunda Ondas*. Essa última fase, que se estende até a atualidade, é marcada pelo olhar crítico das feministas sobre sua própria história, além de prosseguir reprimendo o preconceito social e étnico sofrido pelas mulheres (GASPARETTO JUNIOR<sup>5</sup>).

Nessa esteira encontramos Marilyn Frye (*apud* CODE, p. 19) que compara a experiência das mulheres à opressão vivenciada por um pássaro dentro das grades de uma gaiola. O que impede a liberdade do animal, mesmo quando retirada apenas uma das grades da gaiola? Segundo Frye, a explicação está num exame preciso do arranjo e o modo como se conectam as grades dessa gaiola, que, portanto, irá revelar a razão da limitação existente. Deste modo, fazendo uma analogia entre a gaiola e a estrutura social, verifica-se o que frustra a mulher não se sentir totalmente livre. Sua situação é dependente da estrutura social construída, isto é, aquilo que a rodeia e a reprime. Assim, se a estrutura está à mercê da desigualdade e das limitações impostas pelos grupos sociais, a mulher estará sempre presa em sua “gaiola” por conta de uma sociedade que contribui para a sua desvalorização. Portanto, não há “brechas” que a façam escapar, quando há toda uma estrutura bloqueando sua liberdade plena.

Ao observarmos os acontecimentos de um ponto de vista histórico, percebe-se o porquê do preconceito contra à mulher ter se mantido constante por tanto tempo. Aristóteles sustentava a ideia de que o homem, “naturalmente”, era superior em relação às mulheres, e,

---

<sup>5</sup> GASPARETTO JUNIOR, Antonio. *A terceira onda feminista*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/>>. Acesso em: 06 de novembro 2016.

juntamente com os escravizados e crianças, não eram consideradas dignas da cidadania (CODE, 2002, p. 20). A partir deste raciocínio propõe-se onde a mulher supostamente deve estar: exclusivamente em casa, ocupando-se com afazeres domésticos, cuidando dos filhos e do marido. Seguindo o conceito de Aristóteles, isso é consequência da biologia reprodutiva da mulher, e trata-se de um argumento equivocado ainda utilizado pela sociedade atual para explicar o único lugar das mulheres na sociedade. É exatamente contra tal pensamento que as feministas claramente vêm lutando para modificar.

Séculos depois, Mary Wollstonecraft escreveu a *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (1792), em sequência aos acontecimentos marcantes e as mudanças sociais e econômicas geradas pela Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Com as alterações decorrentes da modificação político-social, pouco a pouco uma nova percepção foi se concretizando: as mulheres não se encontravam em uma posição inferior devido à sua “natureza”, mas, por falta de acesso à educação e oportunidade nas diversas esferas intelectuais da vida (cf. CODE, 2002).

O feminismo, principalmente em sua *Terceira Onda*, foi abrangendo paulatinamente suas especificidades e uma variedade de vertentes acabaram por se manifestar, tais como os feminismos socialistas, os feminismos radicais, o feminismo do terceiro mundo, o feminismo negro, os feminismos culturais, o feminismo lésbico e muitos outros, designando o ideal de que os textos críticos literários existem para refletir ou explicitar amplamente estas divisões. Os textos literários são eminentemente políticos e desempenham um papel pertinente quanto à historicidade, possuindo a função de contribuir na “construção” integral das mulheres, mas respeitando as diferenças que existem dentro do grupo sociocultural “mulher”.

À vista disso, o texto *Sexual Politics*, publicado por Kate Millett em 1970, é um exemplo que discute a literatura, a política e o poder. Nele a autora evidencia, no âmbito literário, como um modo de política busca a justiça e a cidadania das mulheres em um contexto histórico, além de contestar a teoria freudiana acerca da feminilidade, a qual a mulher é dependente da presença do sexo masculino. Lorraine Code (2002, p. 21) explica:

A third source of second-wave feminism is in analyses of sexuality and psychosexual development initiated by Havelock Ellis (1859-1939) and Sigmund Freud (1856-1939) in the late nineteenth-early twentieth centuries. Because he believed unequivocally that ‘anatomy is destiny’, evincing no doubt that psychosexual development is biologically determined, second wave feminists were initially critical of Freud and of psychoanalysis as designed to keep women quiet, passive, and in their place – especially sexually. The well-adjusted woman, in Freudian terms, learned to acquiesce to passive

dependence in a heterosexual marriage, schooling herself to please her husband.

Por sua vez, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, argumenta que “não se nasce, se torna mulher”. Em seu livro, ela encara as relações injustas entre os sexos, e, oferece um relato sobre a preconceituosa construção social da feminilidade com base no determinismo biológico, segundo o qual a mulher lida e se depara com diversas questões ao longo da vida, “naturalmente” já determinadas a elas (cf. CODE, 2002).

Do ponto de vista atual, é fato que a mulher conquistou vários direitos, e, por meio deste esboço histórico, entende-se o desenvolvimento do pensamento feminista. Com a consolidação deste, os resultados tornaram-se cada vez mais evidentes, mas as mulheres continuam a luta por suas causas. O movimento adquiriu solidez, sendo não somente apoiado por mulheres como também por homens que defendem a justa igualdade de direitos entre os sexos. Portanto, o feminismo ainda visa revisões que façam frente à pretensa condição de inferioridade da mulher atinente ao meio social, cultural ou econômico. A reivindicação é direta: sem os grupos (e identidades) das mulheres, a luta pelos direitos delas torna-se incoerente. A necessidade urgente de agir no mundo "real", onde o analfabetismo, a pobreza e a subordinação violenta ainda assolam muitas delas, impede qualquer "desconstrução" das mulheres como um grupo social ou como uma categoria existencial (ROONEY, 2006, p. 10).

Diante desta resenha histórico-teórico das lutas e conquistas das mulheres, pretendemos fazer uma leitura crítica do conto *Uma Mulher Respeitável*, da escritora norte-americana Kate Chopin. Para tanto, gostaríamos de destacar deste sumário os seguintes pontos que serão norteadores para nossa análise e interpretação desta narrativa. São eles:

- 1) Quais as circunstâncias materiais e sociais que descrevem a personagem central, Sr<sup>a</sup>. Baroda, e que implicam nos limites de sua liberdade como mulher?
- 2) Como é descrito Gaston Baroda no conto? Podemos dizer que ele é uma referência patriarcal, impondo-se sobre sua esposa?
- 3) Quais elementos textuais no conto revelam a situação dela na esfera social da época?
- 4) Quais as “barras” sociais e morais das quais Sr<sup>a</sup>. Baroda já se livrou? Quais ainda a mantém aprisionada?
- 5) Pode-se dizer que Sr<sup>a</sup>. Baroda é um pássaro isento da sua total liberdade e limitada nas diversas esferas em que está (sexuais, econômicas, político-sociais)? Por quê? Quais “grades” formam esta estrutura da qual ela depende?

6) Sr<sup>a</sup>. Baroda reforça ou procura desembaraçar-se das “grades” sociais em que se encontra presa?

### 3. Os limites a uma mulher de respeito

Passemos à análise de *Uma Mulher Respeitável*, de Kate Chopin, escrito em 1894. A estória se passa em uma plantação de cana-de-açúcar em Louisiana, Estados Unidos. Gaston Baroda espera a visita de um antigo amigo de faculdade. Sua esposa, apresentada no conto apenas como Sr<sup>a</sup> Baroda, sempre ouviu falar bastante desse amigo, chamado Gouvernail, contudo, nunca o conheceu pessoalmente. A princípio, tem-se a ideia de que Gaston e sua esposa se encontram em um relacionamento estável como marido e mulher, um casamento sem adversidades. O narrador extradiegético da estória nos diz que a protagonista, Sr<sup>a</sup> Baroda, inicialmente não gosta de Gouvernail, criando em sua mente uma imagem tendenciosa dele: “*She pictured him tall, slim, cynical; with eye-glasses, and his hand in his pockets; and she did not like him*” (CHOPIN, 2015, p. 403). O conflito se inicia aqui e se intensifica com a chegada de Gouvernail. À proporção que ele “marca presença” na residência (*plantations*), ela fica cada vez mais intrigada com sua personalidade.

Depois de sua chegada à plantação, Gouvernail agradava-se em passar o tempo fumando o seu charuto, atento às experiências contadas por Gaston como senhor daquele lugar. Ele possuía uma personalidade que, não apenas inquietava a Sr<sup>a</sup> Baroda, mas a deixava desconfortável também; o que, de certa forma, soa paradoxal já que o conto o descreve como sendo “amável e companheiro”: “*Gouvernail’s personality puzzled Mrs Baroda, but she liked him. Indeed, he was a lovable, inoffensive fellow*” (CHOPIN, 2015, p. 403).

Em uma noite, a Sr<sup>a</sup> Baroda sentou-se em um banco em baixo de uma árvore ao redor do terraço da propriedade. Logo depois, passou a ouvir passos vagarosos esmagando o cascalho, e de longe avistou um ponto de luz como de um charuto aceso, e, discerniu que fosse Gouvernail, visto que o seu marido não fumava. Naquela ocasião, ela não sabia ao certo o porquê dos seus pensamentos estarem “desarranjados”, e estava tomada por sensações confusas: “*She had never known her thoughts or her intentions to be so confused. She could gather nothing from them but the feeling of a distinct necessity to quit her home in the morning*” (CHOPIN, 2015, p. 404). Ele, então, jogou fora o charuto, sentou-se proximalmente a ela e entregou um lenço fino e branco que, segundo ele, foi pedido por Gaston para lhe ser entregue. Ali sentados, um próximo ao outro, o visitante fala sobre a atmosfera “inebriante” daquela noite:

“*Night of south winds—night of the large few stars! Still nodding night—*” (CHOPIN, 2015, p. 405). Tais palavras não foram aleatórias, e, a medida que ele fala sobre as suas experiências de vida e dos tempos de faculdade, mais a Sr<sup>a</sup> Baroda se encanta, ficando plenamente deslumbrada por sua voz:

She was not thinking of his words, only drinking in the tones of his voice. She wanted to reach out her hand in the darkness and touch him with the fingers upon the face or the lips. She wanted to draw close to him and whisper against his cheek – she did not care what – as she might have done if she had not been a respectable woman. (CHOPIN, 2015, p. 405).

Este trecho é significativo para a observação do perfil e análise dos conflitos externos e, principalmente internos, sofridos por Sr<sup>a</sup> Baroda. Percebe-se os seus sentimentos e desejos mais recônditos emergindo. Não fora a sua condição de “mulher respeitável”, segundo suas ponderações, talvez sucumbisse à tentação. Ali, ela o deixou sozinho, como que fugindo dele.

A escrita meticulosa de Kate Chopin revela o contexto social, os limites e impedimentos em que Sr<sup>a</sup> Baroda se encontra. A despeito de sua classe social, ou mesmo por conta dela, e de sua “liberdade” de ir e vir, constata-se o quanto se lhe impunham restrições em ela ter e ser o que quer que desejasse. O casamento aparentemente sólido e tranquilo que Gaston e Sr<sup>a</sup> Baroda têm, trata-se supostamente de uma “fachada”. Interpreta-se a existência daquele casamento por circunstâncias de *status* e não exatamente por um real amor, assim como a própria personagem descreve ao apresentar o seu marido também como um amigo, quando ainda naquela noite foi tentada a contar-lhe sobre os acontecimentos recentes: “*Mrs. Baroda was greatly tempted that night to tell her husband – who was also her friend – of this folly that had seized her*” (CHOPIN, 2015, p. 405, grifo nosso).

O cenário em que se passa a estória revela a conjuntura de fatores a qual muitas mulheres de classes economicamente e socialmente superiores enfrentavam, pois, casavam quando lhes fossem indicadas a devida oportunidade; e qualquer casamento, fosse arranjado ou não, seria melhor do que nenhum. Louisa Garrett Anderson (*apud* MACHADO, 2004) alega a inevitabilidade do casamento para as mulheres do século XIX, afinal, não possuíam expectativas de vida fora dele; logo, o único caminho para uma vida fácil e respeitável era o matrimônio. De acordo com Mary Wollstonecraft (1798):

“When do we hear of women who, starting out of obscurity, boldly claim respect on account of their great abilities or daring virtues? Where are they to be found?—To be observed, to be attended to, to be taken notice of with sympathy, complacency, and approbation, are all the advantages which they seek.” (Capítulo 4, p. 4).

Em *Uma Mulher Respeitável*, talvez a Sr<sup>a</sup> Baroda estivesse se sentindo incompleta, vivendo uma “aparência” já que, supostamente, Gaston Baroda representava muito mais ser seu amigo do que seu cônjuge, no sentido marital e sexual que implicam tal relação. Porém, dentro dessa relação de amizade que ambos nutriam, ela se encontrava socialmente dependente (aprisionada). Nesta relação de dependência, verifica-se que o primeiro nome de Sr<sup>a</sup> Baroda não é revelado em nenhum momento do conto, apenas o sobrenome do seu cônjuge permanece em toda narrativa, apontando para as relações propostas pelo patriarcalismo, ou seja, de que a esposa deve receber o sobrenome do marido e por meio dele ser reconhecida em sociedade. Com efeito, Sr<sup>a</sup> Baroda claramente teme as consequências de qualquer tentativa de fuga ante tais limitações sociais, por causa dos preceitos e regras predeterminadas pela sociedade.

Outro aspecto a ser discutido são particularidades do perfil de Gouvernail, sempre silencioso e misterioso, induzindo-nos a especulações sobre quais eram as suas verdadeiras intenções. Nos poucos momentos em que se expressou verbalmente, deixou a Sr<sup>a</sup> Baroda com os sentidos conturbados. Por outro lado, Gaston Baroda transparece não apresentar imposições ou oprimir a sua esposa, o que nos leva a supor ser ele o único que não percebe os acontecimentos inusitados na efêmera passagem de Gouvernail pela *plantation*. A propósito, vale a pena ressaltar que as palavras de Gaston enfatizam a sua total desconexão com os fatos vivenciados pela sua esposa: “*I am glad, chère amie, to know that you have finally overcome your dislike for him; truly he did not deserve it*” (CHOPIN, 2015, p. 406, grifo nosso). Contrariando as expectativas próprias de “marido”, ele, coerentemente, mantém o conveniente distanciamento dos amigos.

Inquieta e também insegura de suas próprias convicções sociais de ser uma mulher respeitável e admirável, na manhã posterior ao encontro relativamente íntimo com Gouvernail, ela pegou um trem para a cidade e não retornou até que finalmente Gouvernail tivesse ido embora, de forma que a seguinte passagem revela a intensidade do seu conflito interno: “*Beside being a respectable woman she was a very sensible one; and she knew there are some battles in life which a human being must fight alone*” (CHOPIN, 2015, p. 405). Ou seja, concluímos, pelo menos até esse momento da narrativa, que ela decidiu reprimir as suas emoções e seus sentimentos para se “garantir” como uma “mulher respeitável” e agindo como tal. Enquanto em “fuga”, porém, reavalia os limites impostos à sua liberdade como mulher respeitável e, aparentemente, toma decisões que, ao final do conto, soam ambíguas ao leitor.

Neste sentido, o maior obstáculo vivido pela Sr<sup>a</sup> Baroda foi lutar sozinha contra a sua identidade social, motivada sobretudo por viver em um casamento presumivelmente

insatisfatório. Mary Wollstonecraft, em sua obra inacabada *Maria, or the Wrongs of Woman*, publicada em 1798, afirma que as mulheres tinham um forte desejo sexual e que era degradante e imoral fingir o contrário. Assim, ela estaria aprisionada aos limites da sexualidade quando ela não pudesse expressar tais desejos ou compartilhá-los com um companheiro de sua escolha. Considerando o espaço que circunda Sr<sup>a</sup> Baroda, verifica-se que há barreiras do ponto de vista econômico, social e essencialmente sexual. Estes impedimentos seriam as grades da “gaiola” em que ela se encontra ante à opressão patriarcal, as quais tentam reprimir as suas emoções diante do que a sociedade espera sobre ser uma “mulher respeitável”. Neste sentido, a personagem enfrenta um limite moral, ponderando sobre os prós e contras de uma possível desobediência aos padrões de comportamento.

Na última conversa entre Sr<sup>a</sup> Baroda e o seu marido, ela assente ao retorno de Gouvernail à sua casa, o que surpreende Gaston, mas principalmente a nós leitores. Aparentemente ela não demonstra ter-se desembaraçado das “grades” sociais, e, assim, o final do conto é livre para interpretações ante as últimas palavras compostas por uma ironia dramática: “*Oh, ” she told him, laughingly, after pressing a long, tender kiss upon his lips, “I have overcome everything! You will see. This time I shall be very nice to him”*” (CHOPIN, 2015, p. 406). A conotação ambígua destas palavras sugere os dois caminhos os quais ela poderia trilhar com o retorno de Gouvernail: resistir e continuar com o seu amigo/marido, ou ceder aos seus mais íntimos desejos.

#### **4. Considerações finais**

É importante destacar que, a protagonista vive em um contexto o qual não privilegia as mulheres ou lhes garante direitos. Segundo Millicent Garrett Fawcett<sup>6</sup> (*apud* MACHADO, 2004), a lei do divórcio aprovada em 1857, estabeleceu critérios e leis que permitiam ao homem obter a separação se fosse comprovada infidelidade por parte da esposa; porém, uma mulher não possuía a concessão para fazer o mesmo, exceto se seu marido fosse acusado por infidelidade, e simultaneamente culpado por violência física contra ela, o que não era o caso de Gaston. Deste modo, por mais que quisesse, Sr<sup>a</sup> Baroda não poderia se autorrealizar e enfrentar as suas limitações com algum argumento legal. Diante de tal situação, precisaria ou conformar-se ao seu *status quo* ou “fugir” dele de forma mais “astuciosa”.

---

<sup>6</sup> MACHADO, J. L. A. *A situação das mulheres no século XIX*. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.

É possível reconhecer em Sr<sup>a</sup> Baroda uma personagem com características fortes, de pensamentos distintos da sociedade da época, mesmo que não haja descrições explícitas de suas convicções, assim como não há de seus traços físicos. Sua história tem um desfecho imprevisível, trazendo à tona reflexos resultantes de uma sociedade conservadora, a qual não permitia à mulher conquistar sua independência ou alcançar a sua autonomia.

A leitura de contos como este consolida, de forma precoce a seu contexto de produção, valores os quais vão além de aspectos estruturais ou estéticos. Sua temática representa verdadeiras lições para as mulheres que seguiram inquietas nos séculos XX e XXI, despertadas que foram por leituras reveladoras em narrativas como esta produzida por Kate Chopin. Sendo assim, conclui-se que essa estória, bem como as outras de autoras contemporâneas como Kate Chopin, possibilitou uma ampliação dos cenários e horizontes de vida, compreendendo os valores universais, bem como o respeito e os direitos que são imprescindíveis e indispensáveis às mulheres, e o quanto elas precisam de apoio e motivação para as conquistas que lhe são legítimas, mas que ainda não foram de todo efetivadas.

## Referências

CHOPIN, Kate. A Respectable Woman. In: *The Awakening and Selected Stories*. Wordsworth Editions, 2015, p. 403-406.

CLARK, Pamela. *Biography*. In: KateChopin.org. Disponível em: <<https://www.katechopin.org/biography/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2017.

CODE, Lorraine. (ed.). *Encyclopedia of feminist theories*. London and New York: Routledge, 2002.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. *A primeira onda feminista*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/>>. Acesso em: 03 de junho de 2016.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. *A terceira onda feminista*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/>>. Acesso em: 06 de novembro de 2016.

GILLESPIE, Tim. Feminist Criticism for Students: Interrogating Gender Issues. In: *Doing Literary Criticism: Helping Students Engage with Challenging Texts*. [Portland, Me.]: Stenhouse, 2010, p. CD107-CD121.

*Kate Chopin: A Respectable Woman*. In: KateChopin.org. Disponível em: <<https://www.katechopin.org/a-respectable-woman/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.

*Kate Chopin's Themes*. In: KateChopin.org. Disponível em: <<https://www.katechopin.org/themes/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

MACHADO, J. L. A. *A situação das mulheres no século XIX*. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.

ROONEY, Ellen. The literary politics of feminist theory. In: *Feminist Literary Theory*. Cambridge: CUP, 2006.

VINHEDO. Uma mulher, muitas barreiras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-323, janeiro-abril/2005.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman with Strictures on Political and Moral Subjects*. London: Dover Publications, 1996.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Maria, or the Wrongs of Woman*. Omaha: Project Gutenberg, 1994. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/gu000134.pdf>>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.